

SETE DESDOBRAMENTOS DA LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO

Rosângela Maria de Almeida Netzel¹

Marilu Martens Oliveira²

*Era Chapeuzinho Amarelo, amarelada de medo.
Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho.
Já não ria. Em festa, não aparecia. Não subia escada
nem descia.
Não estava resfriada mas tossia. Ouvia conto de fada
e estremecia.
Não brincava mais de nada, nem de amarelinha [...]
Chico Buarque*

O fragmento acima compõe a obra *Chapeuzinho Amarelo* (BUARQUE, 2012), parte do *corpus* desta pesquisa bibliográfica, em que se apresenta uma personagem cheia de medos, principalmente de encontrar o lobo. Ao topar com ele, no entanto, todo temor é dissipado, dando lugar à criatividade. Trazendo tal metáfora para a realidade, compara-se a insegurança da personagem à do professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (doravante Ensino Fundamental Inicial – EFI), frente às armadilhas existentes na abordagem literária relacionada ao trabalho curricular.

Tal desafio evidencia-se na falta de proficiência em leitura, exposta em exames nacionais do ensino. Desse modo, diante das muitas exigências feitas ao professor no ciclo de alfabetização destaca-se: *como incentivar a autonomia do leitor?* Por conseguinte, na ânsia por respostas, buscando práticas de leitura que motivem a descobertas autônomas dos alunos em fase de alfabetização, ou mesmo em outras etapas do ensino básico, são sugeridas sete estratégias escolares de dinamização da leitura, fundamentadas pelo lúdico e pelas diferentes funções que pode assumir, envolvendo partilha de interpretações e outros desdobramentos.

Vencendo desafios na escolarização da literatura

A literatura infantil tem natureza artística, sendo representação de mundo em que se fundem realidade e fantasia; e também possui caráter pedagógico, visto que se destina a seres em aprendizagem, sendo mais que entretenimento, “experiência rica de vida, inteligência e emoções”. Desse modo, em sua mediação, o lúdico, primeiro caminho de conhecimento da infância, é essencial (COELHO, 2000, p. 11-32).

Na prática escolar, porém, como consequência de uma formação de professores deficiente do ponto de vista literário (COLOMER, 2007, p. 19), tal mediação é, por vezes, deixada em segundo plano, em detrimento dos conteúdos da alfabetização, aquisição da escrita e ao que se entende por letramento: treino para práticas sociais que exigem esse código. No entanto, exames nacionais têm demonstrado que o cumprimento do currículo, por si só, não garante a aprendizagem, uma vez que o desempenho fica muito aquém do esperado (BAJARD, 2007, p. 10), evidenciando desafios a serem vencidos. Por conseguinte, em busca de amenizar tais estatísticas, nesta investigação defende-se o potencial dos livros infantis enquanto recursos pedagógicos que colaboram na organização e na sistematização do ensino.

¹ Mestre em Ensino de Ciências Humanas. UTFPR, Londrina, PR, Brasil. E-mail: rosalm@alunos.utfpr.edu.br.

² Doutora em Letras. Docente da UTFPR, Cornélio Procópio, PR, Brasil. E-mail: marilu@utfpr.edu.br.

Para tanto, um primeiro passo é considerar que, na escolarização da literatura, um dos principais riscos, tratando-se do EFI, é a crença de que a evolução da escuta de histórias para a leitura ocorra naturalmente, pois tal passagem não é automática. Esse fato pode gerar certo *medo* ou desconfiança em abordar a literatura como recurso pedagógico, pois se não for bem explorada pode caracterizar-se como algo supérfluo, que atrasa o desenvolvimento do currículo obrigatório que se exige cumprir.

Como consequência da mediação impensada, podem ocorrer casos de crianças que passam a apreciar tanto a escuta que não desejam aprender a ler. Para evitar tal situação, no entanto, o caminho não é abolir as práticas literárias do ambiente escolar; pelo contrário, deve-se manter o contato com as histórias, motivando as crianças a investigações sobre o livro, que, pouco a pouco, se constituirão em estratégias de leitura. Portanto, é necessário que os mediadores estejam conscientes do objetivo de autonomia gradual quanto à leitura, procurando motivar a criança a tornar-se também uma mediadora em determinados momentos.

Entre os papéis assumidos pelos mediadores há o *apadrinhamento* da leitura, com o desvelamento da obra e objetivando o interesse por outros textos, em que dissemina-se, ainda um modelo de *proferição*; e a atuação como *mestre da escrita*, com foco na autonomia do leitor quanto à grafia. Assim, a missão de *mestre* é mais complexa, pois necessita considerar os saberes prévios da criança, elucidando fatos linguísticos ainda desconhecidos por ela (BAJARD, 2007, p. 97-108). Essa sistematização, porém, não pode sufocar o *apadrinhamento*, possível a partir de estratégias que encantem, permitindo desdobramentos, além do lúdico.

Com o objetivo, portanto, de colaborar com práticas de leitura que motivem a descobertas autônomas, são elencadas no próximo tópico experiências calcadas no livro *Chapeuzinho Amarelo* (BUARQUE, 2012), obra de escrita simples, embora poética, dotada de ludicidade, baseada no tema da identidade, muito relevante na fase de alfabetização.

Reconto de história

Esta primeira estratégia constitui-se na *contação* da história pelo professor, valorizando a cultura oral. Nela a atenção e o interesse do aluno são focos, podendo ser utilizados recursos diversos, como figurino, gestos e cenário. É como se o enredo saísse do livro para encantar o ouvinte. São permitidas ações como musicalização de trechos, uso de um avental de histórias ou dedoches, máscaras, álbum seriado, álbum sanfonado, entre outras.

No caso do livro *Chapeuzinho Amarelo*, em que a personagem passa por uma transformação, modificando sua postura do início ao fim do conflito, uma alternativa interessante seria enfatizar cores relacionadas a diferentes sentimentos, além de reproduzir algumas imagens, como a do lobo que se transforma em bolo.

Por estar vinculada ao *apadrinhamento* de leitura, seu objetivo encerra-se no despertar do interesse e da interação, sendo necessárias ações complementares por parte do *mestre da escrita* quando utiliza esta estratégia, buscando integrar o ouvir, o ler e o escrever. Para tanto, alguns meios materializam-se no uso de cartazes ao longo da apresentação, atividades ou de dinâmicas posteriores que envolvam o código, como a encenação de entrevista com autor, ilustrador ou personagens, dinâmicas em grupo envolvendo o registro, e ainda atividades que simulem a vivência dos personagens, dando a sensação de adentramento na história, movimento contrário ao inicial.

Transmissão do texto e imagens

Diferenciando-se da estratégia anterior, aqui o livro é o recurso material privilegiado, realizando-se a leitura em voz alta com o livro aberto em direção aos alunos, para que as duas matérias visíveis, texto gráfico e imagens, sejam apresentadas concomitantemente.

Na oralidade, a vantagem em relação à primeira é que o ouvinte terá acesso à linguagem elaborada pelo autor, sem grandes interferências do contador, que se utilizará principalmente da entonação e de outros recursos expressivos para sintonizar o ouvinte com o texto. Essa vantagem é ainda maior pelo contato com as imagens do livro, que podem constituir também uma forma de mediação com a criança ainda não letrada, além de permitirem trabalho interdisciplinar com Artes e outras disciplinas, se o professor optar por aprofundar o estudo das imagens com a turma, posteriormente.

Na obra *Chapeuzinho Amarelo* (BUARQUE, 2012), há certas pistas de mediação, como a grafia da palavra “lobo” em maiúsculas, até o momento em que a personagem demonstra temor em relação ao animal, quando passa a ser grafada normalmente do ponto em que o medo acaba em diante.

Como no primeiro caso, é essencial que o texto seja retomado posteriormente, para exploração de aspectos gráficos, como anagramas, simetria, e outros presentes no enredo.

Leitura compartilhada entre alunos

Constituindo-se como uma espécie de leitura coral, esta estratégia tem como base a fragmentação do texto, que é entregue em partes para os estudantes, que se organizarão de modo a remontá-lo por meio da leitura em voz alta, se possível usando-se microfone.

Desse modo, é bastante válida tal leitura em turmas já alfabetizadas, quando se objetiva a participação direta dos alunos e a aquisição ou aprimoramento do uso de recursos expressivos.

Note-se que o texto deve ser tomado integralmente ao final, para maior compreensão e possíveis desdobramentos.

Leitura dramatizada

Objetiva a percepção de recursos linguísticos, podendo ser realizada pelo docente, aproximando-se da segunda estratégia aqui exposta, permitindo musicalização interativa de trechos ou uso de recursos que marquem passagens relevantes, sem que, no entanto, seja mudada a estrutura textual.

Quando é feita pelos alunos a leitura dramatizada, alguém deve exercer o papel de narrador ou de mediador, tendo tomado o texto de antemão, dessa forma motivando os demais a figurarem como personagens.

Funciona, pois, como um teatro improvisado, exigindo que todos tenham contato com a obra integral ao final da atividade.

Leitura autônoma

Devendo estar presente em todas as estratégias, antes ou depois do desvelamento do texto principal, esta prática consiste na leitura em si, encontro solitário e íntimo entre indivíduo e texto, essencial à aprendizagem. No entanto, em turmas nas quais nem todos os alunos são alfabetizados, podem ser utilizadas frases destacadas ou repetidas na obra, de forma dinâmica.

Motivar ao manuseio do livro e indicar outros de mesmo tema, ou com personagens semelhantes (como *Os três porquinhos* e *Chapeuzinho Vermelho*), são também caminhos, uma vez que *Chapeuzinho Amarelo* permite essas e outras relações a partir da temática, do gênero e dos personagens.

Enfatiza-se que o *mestre* é aquele que negocia a revelação do significado, dentro de um processo de aprendizagem. Logo, enquanto o desvelamento do texto propicia comparação com a grafia, seu adiamento motiva à investigação autônoma (BAJARD, 2007).

Após esta etapa, a partilha de interpretações é imprescindível para que, no debate de ideias, a turma possa perceber as diferentes visões possíveis que se delineiam, de acordo com referências de mundo que cada um possui.

Fotograma

Esta sexta estratégia, quando proposta como motivação à leitura, constitui-se na apresentação de cenas estáticas, simbolizando partes representativas da obra, para que sejam previstos acontecimentos do enredo depois a turma realiza a leitura propriamente dita, tornando-se capaz de refletir sobre as hipóteses lançadas. Assim, objetiva o exercício de estratégias de leitura como antecipação e confirmação de informações.

Pode ocorrer, ainda, como *atividade avaliativa*, na etapa de interpretação, com a divisão dos alunos em equipes e esquematização de representações corporais que ilustrem episódios marcantes da narrativa. Desse modo, o objetivo estaria em dinamizar a prática da avaliação.

Teatralização

Objetiva integrar o ensino de linguagem a um eixo da disciplina de Artes, exigindo que já se tenha realizado a leitura do texto integral, partilhado as impressões e analisado a obra coletivamente, para que se possa adaptá-la, com previsão de ações essenciais ao sucesso da apresentação. Desse modo, é pertinente que em turmas mais avançadas os próprios alunos criem o roteiro.

A partir dessa primeira condição, os envolvidos têm contato com o novo texto, ensaiando a encenação, com mediação do professor, contando com recursos expressivos e visuais, em um trabalho intenso com a linguagem.

Considerações

O professor tendo intimidade com a literatura poderá explorar de diversas maneiras os textos literários, como a própria *Chapeuzinho Amarelo*, esmiuçando-os como se faz com as brincadeiras infantis, embasado na criatividade.

Para tanto, é importante ressaltar que em todas as abordagens deve-se estar atento aos objetivos e à avaliação, propondo-se atividades escritas contextualizadas e desafiadoras, de modo a conciliar aspectos literários e desdobramentos possíveis. Do mesmo modo, a abordagem escolar motivará à leitura prazerosa e autônoma.

Enfim, as estratégias de mediação aqui apresentadas evidenciam sete possibilidades, expondo faces, funções e desdobramentos da leitura. Muitas outras poderão tornar-se visíveis quando da aproximação entre docente e livros infantis, motivando tanto professor quanto alunos. Por isso a importância de instrumentalização dos educadores, buscando-se manter a integridade cultural que caracteriza a literatura infantil.

Referências

BAJARD, E. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Cortez, 2007.

BUARQUE, C. **Chapeuzinho Amarelo**. Ilustrações: Ziraldo. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.